

Deslocamento de crianças nos bairros de Curitiba e sua relação com processos de socialização¹

Displacement of children in the districts of Curitiba, Brazil, and its relation to socialization processes

Valéria Milena Rohrich Ferreira²

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Resumo

Este artigo discute a relação entre o deslocamento de crianças nos bairros e na cidade de Curitiba e seus processos de socialização. A pesquisa foi realizada com seis crianças de escolas da rede municipal de educação de Curitiba, Brasil, moradoras de regiões centrais, periferias e favelas. Foram realizadas entrevistas com os pais, conversas longas com as crianças e observações de campo sobre os locais de moradia das famílias. Os dados foram analisados a partir de referenciais da sociologia urbana, da socialização e da Infância. A pesquisa vem demonstrando a existência de uma diversidade de possibilidades na mobilidade das crianças sendo estas, porém, circunscritas por fatores sociais e territoriais próprios de uma cidade globalizada e desigual. E, frente a uma série de preocupações nos deslocamentos pelo bairro, as crianças não só opinam e discutem criticamente demonstrando conhecer e avaliar os perigos das saídas, mas também se posicionam utilizando variadas lógicas de ação, evidenciando práticas reflexivas que podem vir a ser incorporadas aos seus estoques de experiência (LAHIRE, 2002).

Palavras-chave: Infância, Cidade, Bairros, Socialização.

Abstract

This paper presents the influence that children's mobility has on their socialization processes in the city of Curitiba, Brazil. The study was conducted with six children enrolled in public schools in Curitiba who live in three different regions: downtown, outskirts, and slums. The children's parents were interviewed, the children were submitted to long talks, and field observations of the locations where they live were made. The collected data were analyzed based on the perspectives of urban sociology, socialization, and childhood. This research has demonstrated the existence of a range of possibilities concerning children's mobility, even though these children are circumscribed by social and territorial issues which are common in globalized and disparate cities such as Curitiba. Facing a range of worries related to neighborhood mobility, children not only express their opinions and critically discuss them, showing they are aware of the dangers experienced, but also position themselves by using several logics of action, which demonstrate reflexive attitudes that may be incorporated into their own experience (LAHIRE, 2002).

Keywords: Childhood, City, Neighborhoods, Socialization.

¹ Este texto, com algumas alterações, foi apresentado na ANPED/2013, no GT de Sociologia da Educação.

² Professora do Setor de Educação da UFPR e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais. Mestre e Doutora pela PUC/SP (Educação: História, Política, Sociedade). Estágio de pós-doutorado (2011/12) em Lumière Lyon 2 - França, Centro Max Weber. Parte dos dados aqui apresentados fazem parte do projeto do Pós-doc realizado com bolsa CAPES. E-mail: valeriarohrich@gmail.com

Introdução

A contemporaneidade apresenta ao pesquisador do campo da educação uma dentre diversas questões importantes de pesquisa: a socialização das pessoas em contextos urbanos. O inchaço das grandes cidades, a mudança na sua paisagem geográfica, a desigual densidade da população dos bairros, as fronteiras bem demarcadas entre alguns deles, os conflitos, a injustiça e a pobreza em determinadas regiões, demonstram que a cidade é resultado de práticas e representações múltiplas e contraditórias.

No caso de Curitiba, esta termina o século XX e entra no XXI como uma “verdadeira cidade vitrine” (SÁNCHEZ, 2001) para atrair investimentos e, para tal, reforça sua imagem de “união de etnias” (brancas e europeias), de cidade ecológica e de boas soluções urbanas. Assim, a cidade tem se tornado uma grande gentrificadora³, pois elitiza-se cada vez mais e empurra as camadas populares para bairros periféricos, quando não para fora da cidade.

Em uma configuração como esta, os bairros oferecem diferentes condições de vida a seus moradores e produzem diferentes efeitos nas suas socializações. Pesquisas recentes sobre os “efeitos dos bairros” analisam, por exemplo, os efeitos da segregação espacial sobre os comportamentos e trajetórias sociais de indivíduos que moram em bairros com alta concentração de pobreza. Outras vêm analisando “que o bairro pode ter efeitos plurais e ambivalentes e que pode constituir para os indivíduos, tanto um recurso quanto uma restrição” (AUTHIER, 2006, p. 208). Tais trabalhos sublinham que “esses efeitos não são nem mecânicos nem uniformes, uma vez que agem diversamente de acordo com as propriedades sociais dos indivíduos”. (AUTHIER, 2006, p. 212).

Outro fator importante a ser considerado é que a maioria dos estudos sobre cidade e bairros, parte do que pensam os moradores adultos. A pesquisa aqui relatada procura, portanto, contribuir no sentido de trazer a criança também para o centro dessas discussões, objetivando conhecer como esta se apropria e vivencia a cidade, como se socializa nos bairros. E neste sentido, observa-se que quando se estuda as socializações infantis, as pesquisas acabam destacando a criança na relação com a família, pares, instituições, brincadeiras, mídia e, com menor frequência, na relação com o espaço em si. Assim, conhecer tal relação, pode contribuir na direção de enriquecer este aspecto da socialização infantil.

E há ainda um último aspecto a ser considerado. Quando se fala em criança, como aponta Mollo-Bouvier (2005, p. 395), encontra-se uma ênfase na sociologia da pequena infância que “constrói-se a partir da rede institucional e da profissionalização dos modos de guarda” ou na sociologia da juventude que tem estudado temas como trabalho e ingresso do adolescente à idade adulta, deixando-se ainda muito por conhecer sobre o universo das crianças maiores, principalmente fora da escola. Nessa direção então, de priorizar conhecer um pouco mais sobre os processos de socialização das crianças maiores (e não somente a partir da ideia de “aluno” e dentro de instituições formais), a pesquisa centrou-se nas crianças do 5º ano do Ensino Fundamental.

³ Termo este que embora geralmente designe o processo pelo qual famílias pertencentes a camadas médias e superiores estabeleceram-se em antigos bairros populares localizados no centro da cidade, reabilitando o bairro e substituindo progressivamente os habitantes mais antigos, está sendo utilizado, nos últimos anos, também para designar “outros processos de ‘revitalização’ de centros urbanos degradados e de ‘elitização’ das cidades” (AUTHIER; BIDOU, 2008, p. 14).

Em termos de metodologia da pesquisa, tratou-se, portanto, de uma pesquisa exploratória⁴ e a coleta de dados foi qualitativa a partir de longas conversas com crianças estudantes de escolas da rede municipal de educação de Curitiba, bem como com suas mães (e em alguns casos também os pais)⁵, além de realizadas observações, passeios e fotografias das regiões visitadas. A seleção das crianças para a realização da pesquisa, se deu a partir da localização de escolas da rede municipal que se encontrassem tanto em regiões centrais quanto periféricas. Desta forma foram localizadas duas escolas em regiões mais centrais (Alto da XV e Vista Alegre), uma em uma região um pouco mais periférica (Xaxim) e duas em regiões consideradas favelas (Vila Nori ao norte e Pantanal ao sul)⁶. Solicitou-se à diretora de cada escola que indicasse uma ou duas crianças que morassem próximas da escola e que utilizassem bastante o bairro. Assim foram localizadas 6 crianças, 3 meninas e 3 meninos, a maioria com dez anos no momento da pesquisa.

De modo geral a pesquisa intenciona conhecer a socialização de crianças em contextos urbanos e neste artigo, especificamente, objetiva-se relacionar formas de deslocamento das crianças na cidade de Curitiba e alguns aspectos do processo de socialização infantil. Os referenciais teóricos utilizados são tanto os da Sociologia Urbana, quanto da Sociologia da Infância e da Socialização.

Com relação a metodologia de pesquisa, por ser uma pesquisa exploratória, pode-se dizer que muitos problemas foram encontrados já de início. Partir da compreensão de que a criança é ativa e produtora de cultura e, portanto, que deve ser realmente escutada e de que o pesquisador ao aproximar-se dela, não deve estabelecer uma simples relação de “entrevistador-entrevistado”, com uma hierarquia adulto-criança, mas sim de cumplicidade, impôs de início, diversos cuidados. Por um lado, optou-se por não conversar com as crianças na escola, pois imaginava-se que pudessem entender que deveriam responder às questões propostas de forma “escolar” e que também poderiam limitar o que poderia ser dito ao suposto “pesquisador professor”, sobre o bairro de moradia. Por outro lado, a escola foi uma porta de entrada segura para os pais e crianças aceitarem participar da pesquisa.

Assim, após diversos agendamentos e aproximações cuidadosas, supunha-se que seria possível conseguir conversar com as crianças ao menos em algumas situações, longe de adultos, mas, isso nem sempre ocorreu. Em uma das situações, por exemplo, na casa de uma das crianças, enquanto a criança falava de algum aspecto do bairro, diversos membros da família entravam e saíam da sala onde se conversava e, considerando que a criança “não explicava direito”, intervinham acrescentando ideias ou discordando da criança. Mas, em outras situações percebeu-se também que alguns pais funcionavam como uma espécie de auxiliar de memória da criança, como uma mãe que dizia: “*Lembra daquele passeio que fizemos com a vó? Onde era mesmo?*”.

⁴ Os dados aqui discutidos fazem parte do projeto de Pós-doc realizado no Centro Max Weber, no grupo de pesquisa Modos, Espaços e Processos de Socialização, da Universidade Lumière Lyon 2, França, entre 2011 e 2012.

⁵ As entrevistas foram realizadas com a ajuda de duas bolsistas de Iniciação Científica da UFPR, Magna Cruz e Sonia M. Fernandes a quem agradeço a ajuda. Registrou-se na transcrição, Entrevistadoras 1, 2 ou 3.

⁶ Sobre os bairros, os mais centrais apresentavam o rendimento dos domicílios, maiores. No Alto da XV o rendimento maior dos domicílios era de 10 a 20 salários (em 26,5% das casas) seguido de 20 salários (26%) e o da Vista Alegre, de 5 a 10 salários (29,6%) seguido de 2 a 5 (23,5%). Já no Xaxim, mais ao sul, o rendimento dos domicílios diminui, sendo o maior de 2 a 5 salários (38,8%) seguido de 5 a 10 salários (28%). E sobre as regiões consideradas favelas, estas situavam-se, uma no bairro Alto Boqueirão em que 44,1% do rendimento dos domicílios era de 2 a 5 salários seguido de 5 a 10 salários (22,6%) e a outra, no norte da cidade, situava-se no bairro Vista Alegre, já mencionado acima. Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba (2012).

Em outra situação, a mãe, tendo receio de que os entrevistadores pudessem ir até a sua casa (pois não sabia se conseguiria o consentimento para a entrada na favela), permitiu que se conversasse com a criança, mas, em outro local. Assim, a conversa com a criança ocorreu em uma pequena sala ao lado de um local de reuniões de uma igreja bem próxima de onde a família morava. Mas a mãe entrava e saía do local parecendo desconfortável com a situação. Depois se soube que foi porque naquele dia moradores ligados ao tráfico de drogas, participavam da reunião.

Por outro lado, o silenciamento de vozes não ocorreu somente com as crianças. Em um dos encontros, entrevistamos um casal no parquinho próximo à escola e à casa da criança mas, começando a chover, o casal preferiu retornar à escola (e não à casa). A continuidade da entrevista se deu em uma sala vazia, porém, passados alguns minutos, entrou na sala uma profissional da escola que, ouvindo o momento em que o pai relatava sobre a dificuldade financeira para visitar um determinado museu da cidade, interveio na conversa, falando de maneira irônica que a cidade contava com diversos museus e que existiam dias em que os ingressos eram gratuitos. Neste momento os pais se retraíram tornando difícil a finalização da entrevista.

Enfim, diversas foram as situações não-ideais, mas, ainda que com esses contratempos, os dados recolhidos foram muito importantes para se começar a compreender esse universo espacial no qual as crianças se socializam e também poder continuar a traçar os próximos passos da pesquisa.

Socialização, espaço e criança

A partir do debate atual no campo da sociologia e da sociologia da infância ninguém mais defende a ideia de que as socializações infantis ocorrem a partir de adultos e de instituições que “de cima” socializariam crianças que estariam em condição de passividade, como proposto pelo modelo durkheimiano. Há hoje um acúmulo teórico significativo vindo do campo da sociologia da infância em que se defende a ideia de que a criança “participa de sua própria socialização, mas também da reprodução e da transformação da sociedade” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 391) e que é ativa, atora social de pleno direito (SARMENTO; PINTO, 1997) e produtora de cultura. E há todo um campo de estudos sobre a “infância” analisada como uma categoria social autônoma (SARMENTO; PINTO, 1997) assim como o é a juventude ou a velhice.

Para mostrar esse movimento não passivo da criança, alguns autores discordam do uso do conceito de socialização (muitos relacionando-o ao modelo funcionalista durkheimiano) e propõem outros conceitos explicativos. É o caso de Corsaro (2009, p. 31) que ao estudar as brincadeiras entre pares, desenvolve o conceito de “reprodução interpretativa” sendo que o “interpretativa” vem para capturar os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças”. E, por “reprodução” entende “que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural”.

Já os pesquisadores que continuam trabalhando com o conceito de socialização - e muitos parecem fazê-lo por acreditarem que o campo sociológico tem um acúmulo teórico importante relacionado ao conceito -, têm preferido o uso do termo relacionado

a “processos de socialização”. Nessa direção Grigorowitschs (2008) lembra que autores contemporâneos de Durkheim (que escreveu obras importantes em 1922 e 1950), como Simmel em obra de 1908 e Mead em obra de 1934, por exemplo, já faziam um uso do termo completamente diferente do durkheimiano, em um sentido processual.

Outro autor que definiu a socialização como um processo contínuo e inacabado foi Elias (2010, p. 76) que escrevia em 1969:

Não somente a primeira educação, mas também, as experiências na escola e na universidade, tudo o que se vive mais tarde, por meio do trabalho e do lazer, como pais e avós, à idade da aposentadoria ou durante a velhice etc., contribuem para a formação da personalidade. À medida que o ser humano passa de um grupo a outro, ele sofre mudanças na sua individualidade. Neste sentido, o processo de socialização – se podemos chamá-lo assim – não cessa jamais; ele dura tanto tempo quanto o indivíduo está vivo⁷.

Enfim, quer sejam autores mais antigos no campo sociológico que estudaram essa questão como os acima citados, ou ainda Berger e Luckmann (1996) ou os contemporâneos Dubar (1997), Lahire (2002a, 2006) e Dubet (2002) e no Brasil, Setton (2005, 2010, 2011) -pensando nos mais mencionados atualmente a este respeito -, acabam deixando nas entrelinhas de seus escritos um pouco da sociedade que tinham ou têm à frente quando falam sobre processos de socialização. Assim Berger e Luckmann, por exemplo, deram peso às socializações secundárias e ao universo de símbolos vinculados a um mundo profissional, como bem lembra Dubar apud Setton (2005, p. 343), pois, estavam assistindo a um século XX “em que o processo de diferenciação social e de autonomização dos campos do trabalho estavam consolidados e haviam construído e fortalecido novos grupos em interação”. Já Dubet tem percebido, na contemporaneidade, um mundo em que as instituições já não têm o peso que tinham as instâncias tradicionais da cultura e “sugere a noção de experiência para designar as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade de princípios de orientação” Dubet apud Setton (2005, p. 343). E Lahire, igualmente, percebe um mundo contemporâneo em que as socializações têm sido cada vez mais plurais e contraditórias e, pode-se dizer ainda que a própria Setton (2005, p. 342), ao sublinhar “a especificidade do momento cultural moderno” e incluir no debate a força do universo midiático nos processos de socialização, demonstra o quanto esta questão é imprescindível de ser considerada na atualidade.

Seguindo, portanto, nessa direção de investigar os processos de socialização infantis e tendo uma série de referenciais teóricos e de autores que se debruçam sobre essas questões, opta-se na sequência por desenvolver algumas ideias levantadas por Bernard Lahire pois este, ao trazer para o centro das discussões a questão da pluralidade e da contraditoriedade das socializações no mundo contemporâneo, parece ajudar na compreensão dos dados empíricos encontrados durante a realização da pesquisa.

Segundo Lahire, diferente das sociedades tradicionais, as sociedades contemporâneas são “incomparavelmente mais extensas do ponto de vista tanto espacial como demográfico, com forte diferenciação das esferas de ação, das instituições, dos produtos culturais e dos modelos de socialização e com menos estabilidade das condições de socialização” (LAHIRE, 2002a, p.27). Assim:

⁷ Tradução livre da versão francesa, pela autora. Outros trechos em francês, de outros autores, também são tradução livre.

[...] entre a família, a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais, os meios de comunicação, etc., que são muitas vezes levados a frequentar, o filhos de nossas formações sociais confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até em contradição umas com as outras do ponto de vista de socialização que desenvolvem (LAHIRE, 2002a, p. 27).

As diversas experiências socializadoras vividas pelo indivíduo vão sendo incorporadas ao longo da vida formando uma espécie de estoque ou resumos de experiências (esquemas de ação, hábitos) que poderão ser ativados, mobilizados na situação presente (LAHIRE, 2002a). Assim, ao invés de se pensar em um ator que acionaria sempre os mesmos repertórios de esquemas de ação anteriormente interiorizados, pode-se pensar em “um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir” (LAHIRE, 2002a, p. 31).

Para esta pesquisa é essencial pensar a partir destas questões, pois, além da criança adquirir experiências a partir da interação com as diversas instituições com as quais convive cotidianamente, dos diferentes meios de comunicação com os quais tem contato e entre outras tantas interações com outras crianças e adultos no seu cotidiano, a própria relação com o espaço vivido, quer seja nos bairros ou na cidade, joga também um papel fundamental nessas socializações heterogêneas.

Assim, o ator social e mais especificamente a criança, sempre agirá e aprenderá com o espaço, tanto se o seu bairro, por exemplo, lhe constrange, lhe oprime e lhe exclui, quanto se ele lhe oferece possibilidades, recursos culturais, artísticos (ou, o que também é mais provável, quando ele faz um pouco dessas duas coisas). As vivências, as representações e imagens espaciais, por exemplo, de uma criança que mora em um bairro desqualificado socialmente, influenciarão suas práticas, sua identidade, sua autoestima, o modo com que se relacionará com outras pessoas e isso tudo provavelmente será incorporado nesses estoques de experiências vividas.

Cada criança irá incorporar o social de maneira particular, a depender justamente desse estoque de esquemas de ação. Para Lahire (2002b) há uma combinação de propriedades tanto contextuais quanto disposicionais que impulsionam o indivíduo a agir. Cada indivíduo é de alguma forma “o ‘depositário’ de disposições a pensar, a sentir e a agir que são os produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duráveis e intensas, em diversos coletivos (dos menores aos maiores) e dentro de formas de relações sociais diferentes.” (LAHIRE, 2002b, p. 3). O indivíduo não é redutível ao seu protestantismo, ao seu pertencimento de classe, nível de cultura ou sexo, ele é definido pelo conjunto dessas relações, engajamentos, pertencimentos e propriedades, passadas e presentes.

E é necessário dizer ainda, tendo em vista o que se verá mais à frente, que tal conjunto de experiências é composto tanto por hábitos não reflexivos (um senso prático produzido justamente a partir dessas experiências passadas, incorporadas) quanto reflexivos (fruto de um planejamento, de um cálculo). Dessa forma, para conhecer o modo de agir dos indivíduos torna-se necessário também, conhecer qual é a parte que os hábitos reflexivos têm no estoque de hábitos incorporados de uma pessoa. Será necessário indagar, então, “quais são as condições sócio-históricas que tornam

possível uma ação racional, em quais situações sócio-históricas os atores podem pôr em ação estratégias completamente conscientes, agir de maneira intencional e calculada” (LAHIRE, 2002a, p. 154).

Trabalhar com esta ideia de socialização, como sendo o homem plural e tendo ele incorporado ao longo da vida experiências que lhe possibilitam responder às questões do cotidiano acionando por vezes o senso prático e por vezes o reflexivo, é importante principalmente quando se trata do processo de socialização infantil. É sabido que as crianças têm sido colocadas em contextos heterogêneos e contraditórios cada vez mais cedo, estando as suas socializações primárias, antes consideradas limitadas à família, hoje ampliadas para a creche, escola e outras tantas instituições e atores sociais do convívio da criança (LAHIRE, 2002a). Neste sentido, será necessário avançar na investigação sobre os recursos materiais, relacionais, simbólicos e identitários que contextos tão variados oferecem à criança. Que experiências as crianças têm no bairro? Como é para a criança – e dando voz à própria criança - viver e crescer no bairro onde mora? Como elas, que estão no momento de produzir suas primeiras socializações, se socializam no bairro e na cidade? Suas experiências espaciais lhe propiciam que tipo de reflexão?

Deslocamento das crianças no bairro, na cidade e fora dela

Todo espaço percorrido, explorado e habitado, porta a marca das atividades humanas. Para Grafmeyer e Authier (2008) a cidade é este espaço englobante onde se justapõem e se combinam diversos aspectos da atividade social que se desdobram nos mais diferentes lugares e contextos de interação. E os indivíduos que nela habitam, apresentam, portanto, pertencimentos múltiplos. Para estes autores, os moradores de uma cidade vivem em constante tensão entre a territorialidade e a mobilidade, entre a proximidade e a distância nas interações cotidianas, entre a afirmação identitária e a experiência com o outro, entre a diversidade dos meios humanos que formam a cidade e o seu necessário ajustamento, mais ou menos conflitual. Este local denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos, em uma constelação movimentada de pessoas desenha configurações diversas, apropriações diferentes por parte de cada indivíduo. Os bairros de uma cidade, por exemplo, podem oferecer possibilidades a uns e dificuldades de integração a outros.

Assim, compreende-se nesta pesquisa que o bairro “não é simplesmente um cenário” (REMY apud AUTHIER, 2006, p. 209), mas, um “meio”, no sentido durkheimiano do termo, e isto quer dizer que ele é “uma entidade produtora, dispondo de propriedades próprias que têm efeitos sobre ‘o curso das ações humanas’, e em particular, sobre as maneiras de habitar e de coabitar dos indivíduos” (AUTHIER, 2006, p. 209). Para Authier (2006, p. 209):

As propriedades do ‘bairro-meio’ se situam, por uma parte, na morfologia de seu habitat, na sua localização, na sua história, na sua imagem, ou ainda nos recursos que ele possui em matéria de comércio, de equipamentos, de atividades ou de espaços de entretenimento. Todos estes elementos pesam (em graus diversos conforme os bairros) sobre os usos que os indivíduos fazem do seu bairro (e de sua moradia) e sobre as sociabilidades que eles mantêm localmente com os outros habitantes.

Tomando, portanto, a cidade como esse tecido vivo de relações sociais e o bairro como produtor de efeitos ora restritivos, ora de acesso a bens materiais e simbólicos, ou produzindo nos sujeitos um pouco de cada um desses efeitos, direcionou-se o olhar para a compreensão de como as crianças vivem e se socializam nos bairros da cidade.

Assim, com relação às saídas pelo bairro, verificou-se que a maioria das crianças da pesquisa sai sempre acompanhada por um adulto e somente no caso do caminho casa-escola, três vão sozinhas pois moram muito perto da escola e três acompanhadas.

Esses dados parecem dar pistas sobre o que outras pesquisas já vêm apontando: a pouca autonomia que as crianças têm tido para realizar deslocamentos pelo bairro. Um levantamento de estudos europeus sobre esta questão, realizado por Huguenin-Richard (2010) demonstra vários dados preocupantes: a evolução da prática de acompanhamento de crianças durante o seu deslocamento, na Inglaterra, entre 1971 e 1990, revela um declínio muito acentuado da mobilidade independente de crianças (estudo de Hillman apud HUGUENIN-RICHARD, 2010); especialistas acreditam que a exclusão das crianças da rua pode afetar, de modo geral, o seu desenvolvimento (estudo de Hüttenmoser e Sauter apud HUGUENIN-RICHARD, 2010) e, em particular, sua autonomia em matéria de deslocamentos (estudo de Granié apud HUGUENIN-RICHARD, 2010); a autonomia em termos de mobilidade é essencial ao desenvolvimento e à aquisição de habilidades sendo que o bairro se constitui como lugar de aprendizagem em paralelo à família e à escola (estudo de Risotto apud HUGUENIN-RICHARD, 2010). Assim, a criança muito acompanhada talvez não adquira necessariamente ou suficientemente experiências de mobilidade e quando, com cerca de 10-11 anos, se vê sozinha para se deslocar, não é capaz de fazê-lo com toda a segurança. Huguenin-Richard analisa ainda que o acompanhamento pode atuar, mais tarde, como fator de risco. Na França, ela observa, com relação a acidentes com pedestres, um pico aos 11 anos, quando as crianças entram no colégio e se tornam, pela primeira vez, autônomas em seus deslocamentos. Tais pesquisas vêm denunciando o quanto a criança está cada vez mais ausente dos espaços públicos do bairro e da cidade.

Voltando à pesquisa aqui relatada, no que se refere às saídas das crianças após o horário escolar só uma delas tem livre acesso à rua, tendo esta a autonomia quase completa para vivenciar sozinha as redondezas de onde mora. José⁸, que mora na região norte, vai sozinho à locadora, à escola, ao campinho para soltar pipa e jogar bola, à casa dos primos para jogar vídeo game e ainda, no bar do Pedro para “conversar um pouco”. Outra criança, Jéssica, também vivencia muito os equipamentos oferecidos pela região onde mora (shopping, cinema, mercados e restaurantes), mas sempre acompanhada por um adulto.

As outras quatro crianças da pesquisa não utilizam intensamente, no seu cotidiano, o bairro onde moram. Karla fica na maior parte do tempo em casa e Cláudio, apresenta uma rotina tomada por visitas a psicólogos e neurologistas, em outros bairros. Já as outras duas crianças podem ser consideradas como exemplos extremos de uma “fuga” planejada e diária do bairro de moradia, embora de maneiras bem diferentes: uma deslocando-se do bairro e outra ficando nele. Talita, que apresenta a situação menos

⁸ Todos os nomes de crianças, pais, instituições e alguns lugares foram alterados para preservar as famílias. A pesquisa seguiu os preceitos éticos discutidos pelo Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

favorável do ponto de vista econômico e espacial⁹, sai diariamente da favela (situada na região norte), criando fora dali uma rotina com diversas atividades, como diz sua mãe, “para não ter dor de cabeça”. Já do outro lado da cidade, a criança que habita também em uma favela, mas, da região sul e com uma situação econômica bem mais favorável (parecendo estar, a família, inclusive, em situação de mobilidade social¹⁰), tem pais que fizeram um verdadeiro espaço de lazer em casa, para que seus filhos nunca tenham que sair para a rua.

Assim, enquanto a primeira criança vai semanalmente a duas igrejas, ao postinho de saúde, faz aulas de tênis à tarde na escola, faz ainda contra turno escolar e no sábado a catequese, aula de coroinha e aula de dança para apresentação em outras igrejas, isso tudo para preencher a vida fora do bairro de moradia, a outra criança fica em frente à TV, vídeo game e computador todo o tempo, participa de festinhas em casa com a família e só sai esporadicamente quando o pai, que é marceneiro e trabalha em casa, precisa realizar alguma entrega e a leva junto.

Preocupações no uso do espaço

Durante todas as conversas com as crianças e com seus pais, quase tudo o que dizia respeito ao deslocamento estava relacionado, de alguma forma, com preocupações e medos.

Sobre as preocupações da família, de início os mesmos dois casos das crianças que moram em favelas distintas da cidade, podem ser evocados, embora não sejam os únicos, como se verá adiante. Eis, na primeira situação, a justificativa da mãe de Talita sobre a necessidade de sair diariamente da região onde mora:

Olha... Por quê que eu saio? Porque, nem eu sei... eu tenho todos esse problema, sabe? Então a gente entra em depressão... E daí como lá é um lugar muito agitado... As vezes a gente tava dentro da casa da gente eles jogavam pedra [...]. Então daí pelo menos a gente tá aprendendo as coisa e não fica se incomodando..... Daí eu chego lá [em casa], lavo a louça, faço a janta, tomo banho, começo fazer minhas coisa ali até uma hora eu vô dormi... Então a gente não se estressa, cê sabe? A gente chega, fecha o portão... Fechou ali, baixou a cortina... o que tá acontecendo ali a gente não tá vendo nada. Ontem mesmo esfaquearam um, só fiquei sabendo hoje de manhã... ¹¹ [Ri]

Já no caso da segunda criança, a dos pais que estão criando um verdadeiro espaço de lazer em casa para que seus filhos não precisem sair, conta a criança:

Rafael: Antes era quase todo sábado, eu tava num churrasco aqui em casa...

⁹ Nesta família, embora pai e filho trabalhassem, ganhavam um salário mínimo cada um e as condições de vida, da casa e do bairro atestavam esta situação difícil.

¹⁰ No caso desta família, verificou-se uma casa bem equipada, grande e reformada recentemente e os pais demonstravam estabilidade financeira, inclusive, planejando mudar desse local de moradia.

¹¹ Optou-se por realizar a transcrição literal das falas para preservar as tensões do discurso.

Entrevistadora 3: É... A tua mãe falou que vocês gostam de fazer festa aqui.

Irmã: Ahã...

Entrevistadora 3: Que isso aqui vai virá um salão de festa, né?

Irmã: Vai... [Ri]

R: Vai... [Ri] Olha aí... [Aponta para o teto, mostrando o globo espelhado] Já tem globo, já tem tudo...

Entrevistadora 3: Ah, é... Pois é... Da outra vez que eu vim o globo já tava aqui... É de vocês ou vocês alugam pras festas?

R: Não... É nosso!

Irmã: É da gente mesmo...

Entrevistadora 3: Sério? E vocês sempre fazem festa?

R: Sempre!

Entrevistadora 3: É quantas vezes assim? Uma vez por semana?

Irmã: Quando dá vontade de fazer, já tá fazendo...

R: Até... Até de semana meu pai faz...

E em outro momento da entrevista, a ideia de permanecer em casa, também é contada pela criança:

Entrevistadora 3: Rafael... Que que você gosta aqui do bairro?

Rafael: O que que eu gosto?

Entrevistadora 3: É...

Rafael: Ficar em casa...

Entrevistadora 3: Só em casa?

Rafael: É...

Entrevistadora 3: Por que?

Rafael: Sinto bem... Tem tudo...

No caso de quase todas as crianças entrevistadas o medo se traduz também em um grande controle dos pais sobre as saídas dos filhos. Sobre isso, a irmã de Rafael comenta: “É, ele vai... Mas só aqui perto... E a mãe marca quanto tempo vai demorar... Tipo lá pra cima [perto da escola], da onde você veio, ele não pode, minha mãe não deixa...”

E, nesse contexto de insegurança, as amizades também passam por um forte crivo. É possível verificar essa tensão na forma discreta com que o pai que criou o espaço de lazer em casa, conta que permite ao filho, ainda que esporadicamente, utilizar o espaço do bairro, contanto que tal utilização não esteja relacionada a se envolver com crianças moradoras da região. A intervenção do pai neste trecho da entrevista demonstra bem esta situação:

Rafael: Daí eu fico só em casa... Às vezes eu saio pra ir jogar bola...

Pai [intervém]: Só quando os amigo dele vem aí... Amigo de fora... Sabe... Assim...

Entrevistadora 3: Mas aqui não?

Pai: [Cuidadoso] Não, aqui não... Aqui ele não se envolve... Não se envolve... [Faz um ar de reprovação]

Entrevistadora 3: Aqui você tem aquele cuidado...

Pai: Isso... Só quando vem os amigo de fora, daí ele vai no campo ali jogar... Brincar de bola com o pessoal...

Já a mãe que mora em uma favela da região norte também demonstra preocupação com as saídas da filha para a casa de amigos e outro detalhe na sua fala não pode escapar:

Tereza [mãe de Talita]: Porque é tudo... É tudo... Como que fala anssim? É tudo longinho assim... tem as veiz que as amiguinha fala... A Talita chega e fala: 'Mãe, a menina me convidou'... eu falo 'Talita, eu não posso, porque pra começar eu não conheço a mãe da menina, a mãe da menina não me conhece, e eu não sei como que é o jeito lá... e...', né? Então... Um dia eu até deixei, daí depois o meu marido falou assim: 'Como que você vai deixar a menina ir e você não sabe...' Porque daí acontece tanta coisa, né?.

Esta fala “Porque daí acontece tanta coisa” é recorrente nas conversas com os pais e com maior acento ainda, na fala dos pais das meninas. O trecho abaixo, da entrevista com a mãe que mora no Xaxim, traz esse mesmo sentido. A mãe menciona ter conversado com a filha sobre uma situação vivida na cidade de Curitiba no ano 2008 em que uma menina de nove anos foi encontrada estrangulada e com indícios de violência sexual¹², em uma maleta, na rodoviária da cidade. A menina foi pega, justamente, quando fazia o trajeto escola-casa sozinha, parte de ônibus, parte a pé, no centro da cidade:

Mãe de Karina: Não adianta eu botar uma venda no olho dela e dizer que é aquilo não existe... Existe e muito pior... Entendeu? Ela ficou horrorizada com aquela história da... [Tenta lembrar]

Pai de Karina: Da mala, né?

Entrevistadora 1: Da menina da mala...

Mãe: Cristo... Da menina da mala... Da menina da mala... Da Raquel... Ai veio... Entramos na questão da saída da escola... Que tá saindo da porta de casa... Que tá indo pra outra escola... Ela é menina... Porque todo mundo diz que a gente protege mais... a menina em si... Olha o que deu... 'E você quer ir sozinha?' Ela nunca questionou de ir sozinha ou não ir sozinha... Ela sabe porque a gente mostra pra ela, a gente

¹² Segundo foi divulgado em jornais de circulação, como por exemplo, na Gazeta do Povo (YANO; ANGELLI, 2008).

mostra o que é a realidade hoje em dia... Ela ficou horrorizada com aquela história... 'Como que a pessoa tem coragem de fazer aquilo?' Eu disse... Tem gente ruim que faz...

E, é bom lembrar que as preocupações dos pais não se relacionam somente a este fato isolado, mas, à divulgação frequente de noticiários sobre a grande quantidade de crianças que desaparecem, todos os anos, na cidade, além, de outros tantos relatos de violência e assaltos (“*Não dá pra largar, não dá pra deixar... Você tem que ficar o tempo todo de olho... Se é a bicicleta... Você tem que ficar de olho pra vê se ninguém vai tomar a bicicleta da criança*” dizem os pais que habitam a região central da cidade). Afora isso, também o trânsito, as ruas, enfim, a cidade toda não foi projetada para receber uma infância que possa se deslocar com segurança e autonomia. E não se descarta também a questão de que há, atualmente, um possível interesse da mídia em ressaltar e capitalizar esses medos e preocupações como forma de aquecer todo um comércio relacionado à segurança e também a capitalização desses discursos pelo campo político.

Outra questão essencial sobre a infância na cidade é que, quando se relaciona a questão espacial e as brincadeiras infantis, as preocupações se destacam novamente:

Mãe de Talita: Então... Pra vim ali no... Da minha casa... [Baixa o tom de voz]. Tem um bar aqui... Outro aqui, sabe? Então... Você tem que tá seguindo pelo meio... Daí... Então... A Talita quando vai lá brincar fica ali no meio... Fica no meio dos dois bar... Sabe? Então... E daí... Quando começa tumultuar... Assim... Começa a chegar aqueles cara... que eu vejo assim... que começa a dar aqueles fervinho assim...[...] aí eu já chamo prá drento.

Sobre esse medo que parece estar bem presente nos relatos, ele pode se apresentar de maneira bem mais próxima da realidade de muitas crianças, como mais à frente se verá, ou mais distanciada, imaginada. Jéssica que habita em uma parte da região sul com boa infraestrutura comenta:

Tem um shopping perto que tá abandonado, pode ter água empoçada e pode ter dengue e pode ter alguém fazendo alguém de refém, bandido. O shopping tá abandonado, acho que a prefeitura devia demolir e abrir outras lojas pra baixo.

As preocupações também parecem estar contidas nas histórias sobre “o bosque ao lado da Igreja”, contadas pelo Cláudio que mistura realidade com pitadas de suspense e fantasia:

Olha, eu acho isso muito assustador, porque toda vez que eu entrava no bosque eu ficava tão desconfortável, que eu passava mal [...]. Aí falaram também que antes disso tudo, dos João Derosso vir, os imigrantes eles, iam ali na igreja e, tipo, pegavam e matavam as pessoas que tentavam fugir e, enterravam ali mesmo, então aqueles corpos ficavam por anos e anos. Antes de acontecer tudo isso, a gente achava que era uma lenda, só um mito, logo depois a gente começou a perceber que mais ou menos era verdade, todo mundo ficou meio assustado e até o guarda também e nem deixava a gente entrar e aquilo nunca mais aconteceu, só que no

final, na antepenúltima aula de acabar tudo [as aulas de Guarda Mirim na igreja] [...], aí depois eu entrei no bosque, sentei, sozinho [...] aí eu tive um pressentimento que tinha alguém falando no meu ouvido assim: ‘Saia daqui, antes que um matador te mate’, aí, eu fiquei assustado e saí correndo.

Além destas, a seguir, podemos acompanhar uma série de outras situações em que o medo está bem mais próximo da realidade cotidiana das crianças. E, perante um complicado contexto espacial em que muitas delas vivem, é possível não só observar essa dura realidade, mas, principalmente analisar as disposições (no sentido discutido por Lahire) que elas parecem estar incorporando ao enfrentar tais situações, como por exemplo, a consciência e a avaliação do perigo e a reflexão e a decisão sobre os espaços em que devem ou não circular.

O caso das ruas do bar contado desta vez pela criança mostra que Talita está desenvolvendo uma forma rápida de avaliação dos perigos:

Menos onde eu gosto é ali onde começa aquelas ruas dos bar... Não gosto dos bar. Eles arranjam muito briga. Daí começa de se pega... Daí a gente têm que saí rápido da frente pra ir entra pra dentro de casa...

Já o relato sobre uma região do bairro onde José sabe que “não é bom de ir”, demonstra esta consciência da criança:

Entrevistadora 1: [...] Daí [...] tua mãe diz que aí não é bom de ir?

José: Nem precisa dizer...

Entrevistadora 1: Você percebe?

J: Não, eu mesmo percebo... [Silêncio]

[...]

J: É... Mas já mataram também ali... A mulher dele... [Inaudível]

Entrevistadora 1: Como é que é?

J: [Cochicha] A mulher dele saiu das droga, né?

Entrevistadora 1: Tá...

J: Ela assim, ela vivia brigando com ele, né? Ele jogava às vezes umas coisa dela fora... Que era boa, né? Ela ah... Ela brigava com ele, né? Ele pegava, ele tinha medo da mulher dele... Daí os traficante foi lá e mato ela... Deu, eu acho que dois tiro nas costa, não sei... Daí a vizinha: “Aaaaave”... Deu um gritão, daí eu não sei o que aconteceu... Daí o barraco tava ali...

No desenvolvimento da consciência do perigo, as crianças parecem planejar e “criar coragem” para enfrentar essa realidade cotidiana. Rafael, sobre a mudança de escola para o 6º ano diz: “Só que eu vou ter que aprender à andar sozinho...”; ou José, sobre aventurar-se mais longe: “Eu quero ir, né? Uma vez eu já fui até a Mercês sozinho no ônibus...”.

Essas crianças, não só parecem ter consciência das preocupações relacionadas com o espaço, mas, interferem nele, deixando claro que produzem a cultura do bairro como qualquer outro cidadão. Continuando a história do Bosque Assombrado...

Depois eu falei com o padre, 'Aquele bosque o Antônio pesquisou na internet, antes dos... de todo mundo vir aqui, antes do Derosso, só era mato, os imigrantes que vieram eram muito malvados e mataram muitas pessoas ali, eu acho melhor, que é melhor vocês fecharem aqui, colocar uma placa que não é melhor entrar aqui não, que toda vez que alguém entra ali, passa mal'...

Outra questão importante destacada pela pesquisa é que as crianças demonstram agir de formas diferentes a depender dos espaços aonde vão. Nesse sentido, vale lembrar que atores sociais, em universos diversos, aprendem muito rápido “que aquilo que se faz e se diz em tal contexto não se faz nem se diz em outro contexto” (LAHIRE, 2002a, p. 37). E, esse modo de agir, no caso de algumas das crianças da pesquisa, parece ser uma medida de proteção entre outras coisas, contra a deterioração de sua autoestima:

Talita: Tem umas amigas minha que começa assim a fala: 'Ai!' Elas começam falarem assim: 'Ai, sabe, acho que eu não vou ser, sabe, acho... Queria descobrir quem que daqui da sala que for nossa amiga, eu não vou ser amiga daquelas que mora na favela'.

Entrevistadora 2: É por isso que você fica com esse receio?

T: Uhum... Daí eu tenho vergonha de falar...

E ainda:

Entrevistadora 2: Por que você disse que tem essa preocupação em falar do bairro?

Talita: Eu não gosto... Quando as minhas amiga perguntam onde que eu moro, eu invento outra coisa, né? Eu falo bem assim... Ela vai me perguntar onde que eu moro... E eu falo bem assim 'Vamos brincar mais?'... Nós vai lá e brinca...

Entrevistadora 1: Você diz que é assim uma vergonha o local onde você mora ou é pela questão da violência...

T: Não... Eu ...eu tenho vergonha mesmo da onde que eu moro... É, até o meu irmão tem.

Neste sentido vale relembrar mais uma vez de Authier (2006) que analisa que em bairros estigmatizados os moradores têm frequentemente tendência a colocar à distância os outros moradores do bairro, e o próprio bairro, ele mesmo, para tentar escapar ao estigma.

Considerações finais

De modo geral, esta pesquisa exploratória está demonstrando uma diversidade de possibilidades socializadoras vividas pelas crianças, mas, circunscritas por fatores sociais e territoriais próprios de uma cidade globalizada e desigual. Assim, as

socializações espaciais são variadas no bairro e as crianças agem, muitas vezes, de maneiras diferentes conforme os lugares onde vão, o que indica uma pluralidade de lógicas de ação (LAHIRE, 2002a).

E se por um lado até agora foram encontradas coincidências entre as socializações das crianças entrevistadas, em determinados aspectos - todas elas apresentaram preocupações com relação às saídas; quase todas, pouca autonomia com relação a deslocamentos; poucas vivências fora do bairro; um super acompanhamento, controle e construção de toda uma reflexão por parte dos pais com relação aos trajetos realizados -, por outro, e também sob determinados aspectos, torna-se impossível uma comparação. Caso se comparasse, por exemplo, duas crianças que moram em uma mesma região e que apresentaram grandes interações nos seus deslocamentos (por exemplo, José e Talita), se verificaria que as duas habitam de formas bem diferentes, uma na favela e outra não, e uma sai acompanhada e outra não. E, caso se quisesse comparar as duas crianças moradoras das favelas, uma da região norte e outra da região sul, se encontraria novamente aí, formas completamente diferentes de apropriação do bairro frente a preocupações e medo da violência a que estão submetidas cotidianamente.

E, caso se analisasse ainda as duas crianças com o maior capital econômico e cultural das seis crianças, Karla (moradora do bairro central) e Jéssica (moradora de um bairro não tão periférico), a primeira tem uma família com um dos maiores níveis de preocupação nos seus discursos (ainda que morem na região mais favorável e central da cidade) e uma das menores chances de saída da criança no bairro, e a segunda, apresentou uma vivência e um uso da região onde mora, bastante ativa e interessante (sendo o papel da mãe e dos avós, importante de se considerar neste processo). Agora, sobre os meninos, José tem uma vivência das mais autônomas no bairro enquanto os outros dois, Cláudio e Rafael, parecem frágeis e em alguns aspectos infantilizados pelos pais que não os deixam sair de casa, pois, segundo eles, os filhos ainda são pequenos (são, coincidentemente os caçulas de suas famílias) e também pelo medo dos perigos relatados, nos bairros onde moram.

Enfim, o aprofundamento da investigação dos processos que conduzem à apropriação do espaço e a ampliação do escopo de crianças envolvidas na pesquisa possibilitarão a realização de comparações mais seguras para que não se caia na cilada nem de se realizar generalizações abusivas nem de se reforçar uma fragmentação excessiva e pouco relacional das práticas das crianças.

Os dados apontaram ainda as poucas opções que as crianças têm tido de exercer o seu direito de ser criança, deslocando-se com segurança na rua, no bairro ou mesmo no caminho casa-escola como também de encontrar locais seguros para brincar, jogar, ou desfrutar de espaços de ampliação cultural, sendo estes últimos quase inexistentes e, ainda mais, caso se considere a localização desses supostos espaços nas proximidades de suas moradias.

Assim, como outras pesquisas já vem demonstrando, parece haver também uma socialização nos bairros diferente no caso de meninas e meninos, além de outras possíveis normas sócio-culturais que podem intervir nas decisões sobre as saídas e que precisarão ser conhecidas e aprofundadas na sequência da pesquisa.

Com relação à insegurança no deslocamento das crianças será necessário continuar as investigações, pois, até agora os dados coletados parecem demonstrar um medo generalizado. Mas, parece haver uma diferença, por exemplo, entre o medo da

família que vive na região central e que está mais próxima da classe média (seus medos estão mais relacionados ao roubo e ao desrespeito à infância) e o medo das famílias da favela (que têm medo por sua própria integridade física). Sobre isso um estudo americano (FURSTENBERG apud OBLET, 2008) a respeito do sentimento de insegurança nas cidades aponta que os habitantes de bairros perigosos têm menos medo que aqueles de bairros tranquilos. Para desvendar este paradoxo o autor distingue o medo pessoal do crime, da preocupação moral e política a respeito do crime. “Estas duas dimensões são constitutivas do sentimento de insegurança. Elas são independentes uma da outra e podem convergir ou divergir conforme a ocasião. Pode-se ser amedrontado sem ser preocupado, preocupado sem ser amedrontado, etc.” (OBLET, 2008, p. 2).

Sobre as influências do próprio espaço na socialização das crianças é possível ponderar, por exemplo, o quanto o bairro restringe a vida de Talita que se afasta da favela diariamente, ainda que se possa pensar que, paradoxalmente, são estas saídas que lhe permitem ter uma convivência diversificada a partir das atividades que faz fora do bairro. E o quanto de recursos, pensando em outro exemplo, o bairro de Jéssica pode lhe oferecer, ainda que se possa questionar também o espaço do shopping no sentido das pesadas influências da sociedade de consumo atual. Neste sentido, parecem ser justamente as linhas fracas na rede de relações¹³ de Talita e de sua mãe no bairro de moradia, é que criam passarelas importantes de convívio fora da favela, fazendo-se pensar na ideia de que a segregação espacial também pode provocar a mobilidade espacial dos indivíduos (PARK, 2004).

E pensando um pouco com Lahire (2002a) quando este pergunta quais seriam as condições sócio-históricas que fariam com que os atores pusessem em ação estratégias conscientes e intencionais, os dados da pesquisa parecem indicar questões importantes neste sentido. Ao que parece, frente a um contexto de preocupações, insegurança e violência, as famílias desenvolvem com suas crianças estratégias conscientes, práticas espaciais reflexivas cotidianas podendo-se deduzir daí que tais práticas podem vir a ser incorporadas nos seus estoques de experiências como hábitos reflexivos. Assim, já nas socializações primárias da criança, relacionadas com o espaço, se estaria frente a um exemplo de incorporação deste tipo de hábito, destas disposições a agir.

Os dados da pesquisa trazem indícios que se somam ao conceito de infância discutido atualmente pela sociologia da infância, a respeito de uma criança ativa, produto e produtora de cultura, na medida em que evidenciou que diversas crianças não só emitem opiniões concatenadas sobre os espaços de convívio mas que avaliam os perigos dos trajetos e que decidem muitas vezes sozinhas sobre o que fazer frente a situações de deslocamento e perigo, enfim, que se posicionam e intervêm na realidade, produzindo a cultura do bairro como qualquer outro morador.

Por fim, é preciso que se diga que estudar as crianças em suas socializações espaciais é condição mais do que necessária para a produção de políticas públicas de qualidade, legislações eficientes para o direito da infância urbana e, acima de tudo, para desencadear amplas discussões com os cidadãos acerca de como suas cidades acolhem e tratam as crianças que nelas vivem.

¹³ Sobre as redes sociais ver Rose e Séguin (2006).

Referências

- AUTHIER, Jean-Yves. La question des “effets de quartier” en France. Variations contextuelles et processus de socialisation. In: AUTHIER, Jean-Yves; BACQUÉ, Marie-Hélène; GUÉRIN-PACE, France. **Le Quartier**: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La Découverte, 2006. p.206-216.
- AUTHIER, Jean-Yves; BIDOU, Catherine. La Gentrification urbaine. **Espaces et Sociétés**, Ramonville Saint-Agne, n. 132-133, p. 13-21, 2008. Éditorial.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **La construction sociale de la réalité**. Paris: Armand Colin, 1996.
- CORSARO, William. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 30-50.
- DUBAR, Claude. **Socialização**. Construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.
- DUBET, François. **Le déclin de l’institution**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 421.
- ELIAS, Norbert. **Au-delà de Freud**. Sociologie, psychologie, psychanalyse. Paris: Éditions La Découverte, 2010.
- GRAFMEYER, Yves; AUTHIER, Jean-Yves. **Sociologie urbaine**. Paris: Armand Colin, 2008.
- GRIGOROWITSCHS, Tamara. O conceito de socialização caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George Mead. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 1-15, Jan/Abr. 2008.
- HUGUENIN-RICHARD, Florence. La mobilité des enfants à l’épreuve de la rue. **Enfances, familles, générations**, Montréal, n. 12, p. 66-87, 2010.
- INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC. **Indicadores de Rendimento**. Curitiba, 2012.
- LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- LAHIRE, Bernard. **Portraits sociologiques**: dispositions et variations individuelles. Paris: Nathan, 2002b.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. São Paulo: Artmed, 2006.
- MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago. 2005.
- OBLET, Thierry. **Défendre la ville**: la police, l’urbanisme et les habitants. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- PARK, Robert Ezra. La ville. Propositions de recherche sur le comportement humain en milieu urbain. In: JOSEPH, Isaac; GRAFMEYER, Yves. **L’école de Chicago**: naissance de l’écologie urbaine. Paris: Champs Essais, 2004. p. 83-124.
- ROSE, Damaris; SÉGUIN, Anne-Marie. Les débats sur les effets de quartier: que nous apprennent les approches centrées sur les réseaux sociaux et le capital social? In: AUTHIER, Jean-Yves; BACQUÉ, Marie-Hélène; GUÉRIN-PACE, France. **Le Quartier**: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La Découverte, 2006. p. 217-228.
- SÁNCHEZ, Fernanda. A(In)sustentabilidade das cidades-vitrine. In: ACSELRAD, Henri (Org.). **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 180.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs.). **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 1997, p. 9-30.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. **Estudos de sociologia**, Araraquara, v. 15, n. 28, p. 19-35, 2010.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011.
- YANO, Cêlio; ANGELI, Gladson. Corpo de menina é encontrado dentro de mala na rodoviária de Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 05 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.php?id=824956>>. Acesso em: 13 jan. 2016.